

A IGREJA COMO HERMENÊUTICA DO EVANGELHO: Uma abordagem evangelizadora na teologia de Lesslie Newbigin

CHURCH AS HERMENEUTIC OF THE GOSPEL:
An Evangelizing Approach in theology of Lesslie Newbigin

Gladson Cunha*

RESUMO

O presente artigo é uma tradução, com uma breve introdução do tradutor, do artigo *Evangelism in the City*, escrito pelo bispo e missionário reformado Lesslie Newbigin, e publicada na *Reformed Review* 41, n.1. Outubro, 1987, do Western Theological Seminary.

Palavras-chave: Lesslie Newbigin. Igreja. Missão. Evangelismo.

ABSTRACT

This article is a translation, with a brief introduction by the translator, of the article *Evangelism in the City*, written by bishop and retired missionary Lesslie Newbigin, and published in the *Reformed Review* 41, n.1. October, 1987

Keywords

INTRODUÇÃO

Qualquer reflexão sobre a Igreja deve ser também uma reflexão sobre a Missão. Como já tem sido demonstrado a Missão não pode ser entendida como uma atividade que é realizada pela Igreja, pelo contrário, a Igreja é essencialmente Missão¹. Neste sentido, o bispo e missionário reformado Lesslie Newbigin tem muito a dizer.

Dono de uma vasta obra, cujo foco principal é a Missão cristã, Newbigin é ainda pouco conhecido no Brasil. Por um lado, a influência norteamericana da maioria dos seguimentos protestantes no Brasil, tende a uma leitura mais conservadora e ignora algumas falas que aqui ou ali destoam em algo. Por outro lado, a ênfase mais pragmática da dessa mesma maioria não abre espaço para a reflexão. Assim, Newbigin parece estar restrito ao segmento que tem sido denominado de *Teologia Missional*, um “movimento” que tem buscado aplicar a reflexão do bispo Newbigin no contexto da época atual².

* Doutor em Teologia Sistemático-Pastoral pela PUC-Rio. Professor do curso de Teologia da Escola de Ensino Superior FABRA. E-mail: gladsoncunha@gmail.com

¹ Cf. BOSCH, David. *Missão Transformadora* 4.ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2010; BLAUW, Johannes. *A Natureza Missionária da Igreja*. São Paulo: ASTES, 1966;

² Sobre Teologia/Igreja Missional, veja: GOHEEN, Michael. *Introducing Christian Mission Today*. Downer Grove: InterVarsity Press, 2014. GOHEEN, Michael. *A Igreja Missional na Bíblia*. São Paulo/Campinas: Vida Nova/CTPI, 2014. KELLER, Timothy. *A Igreja Centrada*. São Paulo: Vida Nova, 2014.

O nosso objetivo, portanto, é oferecer informações básicas sobre o autor que possam nortear o leitor da nossa tradução. Daí a pergunta: quem foi Lesslie Newbiggin? Essa pergunta ainda cabe num texto introdutório como este e no contexto de desconhecimento desse autor. Embora nascido na Inglaterra, em 1909, James Edward Lesslie Newbiggin é de uma família escocesa. Seu avô era um empresário da área de produtos químicos. Uma de suas tias paternas foi Marion Newbiggin (1869-1934), uma importante acadêmica escocesa que militou em várias áreas do conhecimento³. É também no seio dessa família academicamente ativa que o jovem Newbiggin também aprenderia os rudimentos da fé cristã num ambiente igualmente religioso e piedoso⁴, mesmo que tenha passado um período de ceticismo acerca da fé cristã⁵.

Foi no ambiente acadêmico de Cambridge que Newbiggin não apenas recuperou a fé, mas também fez sua experiência de conversão e do chamado ministerial. Nesse ambiente ele travou contato com grupos missionários, com missiologistas e líderes do movimento ecumênico protestante, como John Mackay⁶ e John Mott⁷. Após concluir os estudos iniciais, Newbiggin se tornou candidato ao ministério da Igreja da Escócia – a “Igreja-mãe” do presbiterianismo – sendo novamente enviado a Cambridge para realizar os estudos teológicos, concluídos em meados de 1936.

Nesse mesmo ano, Lesslie Newbiggin e sua família foram enviados para a região sul da Índia, onde desenvolveu o seu ministério, primeiramente como *pastor presbiteriano* até 1947, e depois disso como bispo da Igreja do Sul da Índia, uma denominação que foi a reunião de vários grupos denominacionais diferentes – congregacionais, presbiterianos e anglicanos⁸. Houve um intervalo, entre 1959 e 1964, em que Newbiggin serviu como Secretário-Geral do Conselho Internacional

³ De acordo com a Revista *Nature*, uma das mais importantes revistas científicas do mundo, registrando o falecimento de Marion Newbiggin, afirmou que ela “exerceu uma influência poderosa sobre o desenvolvimento da geografia ao longo do século [20]”. Cf. Dr. Marion I. Newbiggin. *Nature* 134, 206–207 (1934). <https://doi.org/10.1038/134206a0>

⁴ WAINWRIGTH, G. *Lesslie Newbiggin: A Theological Life*. New York: Oxford Press, 2000, pp.

⁵ NEWBIGGIN, *Unfinished Agenda*, pp.1-3

⁶ John Alexander Mackay (1889-1983) teve um papel importante na evangelização presbiteriana na América Latina. Tornou-se próximo de Newbiggin, tanto que a versão em espanhol de *Household of God* de Newbiggin foi prefaciada por Mackay. Maiores informações sobre acerca de John Mackay, ver: ESCOBAR, S. *The Legacy of John Alexander Mackay*. In: *International Bulletin of Missionary Research*, July 1992, pp.116-122. Disponível em: <<http://www.internationalbulletin.org/issues/1992-03/1992-03-116-escobar.pdf>>. Acesso em 05 jul. 2018.

⁷ John Mott (1865-1955) “foi o principal arquiteto do ecumenismo do século XX. Ainda jovem, teve uma experiência de conversão metodista e se dedicou ao serviço cristão com entusiasmo e energia incomensuráveis. [...]. Em 1895, fundou a Federação Mundial de Estudantes Cristãos, depois de ter fundado, em 1888, o Movimento Voluntário Estudantil, continuando até 1920 como presidente de ambos. Sua visão de transformar o mundo através da promoção do cristianismo levou à convocação da Conferência Missionária de Edimburgo, em 1910. Ele esteve intimamente envolvido no planejamento dela, foi um dos oficiais presidentes e presidiu a Comissão de Continuidade. [...]. Desempenhou um papel essencial na formação do Conselho Missionário Internacional, em 1921, tendo-o presidido durante vinte anos. Participou, também, das várias reuniões ecumênicas que culminaram na fundação do Conselho Mundial de Igrejas, em 1948, e recebeu o Prêmio Nobel da Paz, em 1946”. PIERARD, R.V. Mott, John Raleigh. In: ELWEEL (org.). *Enciclopédia Histórico-Teológica*, vol. II, p.561.

⁸ Cf. NEWBIGGIN, L. *The Nature of the Unity We Seek: From the Church of South India* In: *Religion in Life*, 26, 2 (1957), p.182-183. Disponível em: <<https://newbigindotnet.wengine.com/wp-content/uploads/2016/12/57nuws.pdf>>. Acesso em 23 mar. 2019.

de Missões (CIM), cuja sede era em Londres⁹, até a unificação dessa entidade com o Conselho Mundial de Igrejas (CMI), em 1961. Em 1965, Newbigin retomou as suas funções na Igreja do Sul da Índia, porém continuou mantendo relações com o movimento ecumênico¹⁰. Em 1974, Newbigin retorna a Inglaterra, dedicando-se a docência e ao pastoreio da comunidade local que é objeto do seu artigo. Essa comunidade estava ligada a Igreja Reformada Unida. Newbigin faleceu em 30 de janeiro de 1998.

Muito da teologia de Newbigin foi construída nos períodos em que ele atuou como missionário na Índia, bem como, enquanto era secretário-geral do CIM. Desde a sua compreensão trinitária da missão e da Igreja cristã¹¹ até a sua visão sobre o processo de secularização que estava presente nos anos 1960; temas que seriam mais bem trabalhados em sua obras finais¹². Porém, algo que chama a atenção em Newbigin é a sua percepção, após 40 anos de trabalho missionário, da aplicabilidade de sua reflexão e prática missiológica ao contexto secularizado da Europa dos anos de 1970. Podemos destacar como principais obras de Newbigin, que compõem esse momento, os seguintes textos: *The Open Secret*, de 1974 (O Segredo Revelado, Vida Nova, 2019), *The Other Side of 1984*, de 1983, *Foolishness to the Greeks*, de 1986, e *The Gospel in the Pluralist Society*, de 1989 (O Evangelho em uma Sociedade Pluralista, Ultimato, 2016).

Este breve texto, ora traduzido, foi publicado em 1987 reflete um resumo do que tem sido chamada de *igreja missional*. Newbigin foca na comunidade que pastoreava na época para demonstrar que a Igreja em missão vive a comunicação do Evangelho como parte essencial de si mesma. Não é nem pode ser uma metodologia ou um evento com data e hora determinadas, e resultado projetado. Antes, para Newbigin, é da essência da “igreja missional” a proclamação do Evangelho por meio da vida concreta de cada membro de uma comunidade local. Apenas pessoas transformadas pelo Espírito Santo – é quem opera a mudança de mente e coração – é que podem anunciar por palavra e testemunho, numa espécie de encarnação do Evangelho em suas vidas reais, a Boa-Nova de salvação.

O leitor deverá observar que Newbigin não aponta apenas os resultados considerados positivos, mas também demonstra que é possível existir “problemas” como resultado da evangelização ou ainda na realização da evangelização. Contudo, Newbigin sugere que a ação da comunidade local deve ser sempre em favor do Reino de Deus – Igreja e Reino não podem ser conflitantes, sob o risco da Igreja perder o foco do Evangelho.

Aqui cabe algumas considerações sobre o texto da tradução. O conteúdo entre chaves é inserção do tradutor, numa tentativa de deixar mais claro o texto. Porém, por se tratar de opinião se preferiu demonstrar onde houve inserções. Também entre chaves aparece a paginação do texto em inglês. No mais, este breve artigo é um passo inicial para se travar contato com um autor que merece ser conhecido, lido e pesquisado.

⁹ NEWBIGIN, *Unfinished Agenda*, p.158.

¹⁰ GOHEEN, *As the Father has sent Me*, p.94.

¹¹ Mais detalhes sobre esse tema, veja: DODDS, A. *The Mission of the Triune God: Trinitarian Missiology in the tradition of Lesslie Newbigin*. Eugene: Pickwick Publications, 2017 [Edição Kindle].

¹² As obras mais importantes de Lesslie Newbigin desse período são: *Household of God* (1953), *Sin and Salvation* (1956); *The Mission of the Triune God* (1962); *Honest Religion to Secular Man* (1966), *The Finality of Christ* (1969).

Há alguns anos, escrevi um livro intitulado *Foolishness to the Greeks*¹³, no qual tentei explorar as questões que surgiram num encontro missionário entre o Evangelho e nossa cultura ocidental contemporânea. Tentei, com isso, trazer a experiência de um missionário estrangeiro na Índia para a minha tarefa atual como pastor de uma congregação em Birmingham, Inglaterra. Em uma crítica amigável do livro, o editor do *Expository Times*, desafiou-me a dizer como eu aplicaria o raciocínio um tanto abstrato daquele livro aos assuntos concretos de uma paróquia comum do centro de uma cidade. Era uma pergunta muito razoável, mas não fácil de responder. Senti-me obrigado a respondê-la, não porque estivesse confiante de que teria as respostas certas, mas porque não podia escapar da pergunta.

A pequena congregação com a qual agora ministro os cultos em um edifício vitoriano, fica situada bem em frente à Prisão de Winson Green. Em um documento anterior, região onde exerço o ministério era definida pelos seguintes limites: “a Prisão HM, o Asilo Lunático, a ferrovia e a famosa fábrica de James Watt”. Agora é uma região com alto índice de desemprego, uma proporção excepcionalmente alta de famílias monoparentais e uma rica mistura étnica na qual os anglo-saxões nativos formam uma minoria. Em relação à nação como um todo, seria descrito como uma área de privação severa. Em termos de pobreza absoluta, ou, por exemplo, em comparação com as aldeias indianas onde exerci a maior parte do meu ministério, seu povo possui consideráveis recursos materiais. Cada casa tem uma televisão e isso fornece, na maior parte do tempo, o centro visível da vida em casa. A mercadoria em menor oferta é a esperança.

Os habitantes mais velhos falam muito sobre os tempos anteriores, quando havia uma comunidade compacta em que os vizinhos se conheciam e ajudavam uns aos outros. Muito disso foi destruído em nome do “desenvolvimento”. As casas com terraço foram demolidas e seus habitantes forçados a se mudar para os subúrbios. Um bloco de torre de 18 andares foi construído; aqueles que o habitam têm uma ambição principal, a saber, escapar dali. Os mais velhos se consolam com lembranças nostálgicas do passado e têm medo do presente. Para os jovens, especialmente os da comunidade afro-caribenha, há poucos motivos para ter esperança no futuro. Há uma fome de esperança.

Temos *boas notícias* para contar. Antes de pensarmos em como isso é comunicado, é bom começar com um ponto negativo. Não é comunicado se a questão que mais prevalece em nossas mentes é sobre a sobrevivência da [3] igreja na cidade. Porque nossa sociedade é uma sociedade pagã, e porque os cristãos, em geral, não conseguem perceber o quão radical é a contradição entre a visão cristã e as suposições que inspiramos de cada parte de nossa existência compartilhada, permitimo-nos ser enganados em pensar na igreja como uma das muitas “boas causas” que precisam de nosso apoio e que entrarão em colapso se não forem

¹³ Numa tradução livre, “*Loucura para os Gregos*” é uma referência a 1Co 1,23, demonstrando o quanto o Evangelho soa estranho aos gentios. A ironia desse título é que os “gregos” de Newbigin não são os pagãos, mas todos os indivíduos que nas regiões que faziam parte da antiga Cristandade, ou que ele chama de norte ocidental. Nesta obra, que ainda não foi traduzida para o português, Newbigin considera que o Ocidente pós-Iluminista se tornou um problema missionário, porquanto é tarefa da Igreja o anúncio do Evangelho em todas as culturas, e que a cultura Ocidental da antiga cristandade europeia necessita de uma comunicação do Evangelho que seja feita sob os novos padrões culturais estabelecidos.

adequadamente apoiadas. Se nosso “evangelismo” é, no fundo, um esforço para escorar a estrutura cambaleante da igreja (e às vezes parece assim), então não será ouvido como uma boa notícia. A igreja está sob guarda de Deus. Não temos o direito de ficar preocupados com isso. Temos a palavra de nosso Senhor de que as portas do inferno não prevalecerão contra ela [Mt 16,18]. O cerne da questão é que fomos escolhidos para ser os portadores da Boa-Nova para todo o mundo; e a questão é simplesmente se somos fiéis em comunicá-las.

Mas como comunicar [o Evangelho]? Na minha experiência, a parte mais difícil é tentar se comunicar com o anglo-saxão nativo. Os outros são, em geral, pessoas que sabem que Deus é a grande realidade, mesmo que possamos julgar que o conhecimento deles é imperfeito. Para o muçulmano, o Evangelho é chocante, mas pelo menos é algo que tem sentido. Para os hindus e sikhs, é algo que realmente vale a pena ouvir, mesmo que finalmente se decida que é apenas mais uma versão da “religião”, algo que é comum a todos nós. Muitos dos afro-caribenhos de nossas cidades são cristãos devotos, cuja fé, esperança e amor deixam a maioria de nós envergonhada. Mas para a maioria dos nativos [ingleses], a história cristã é um antigo conto de fadas que eles deixaram para trás. Nem vale a pena ouvir. [Diante dessa história] alguém fecha a porta e volta para a tela da televisão, onde imagens infinitas da “boa vida” estão disponíveis a qualquer hora.

Como pode esta estranha história de Deus feito carne, de um Salvador crucificado, de ressurreição e de uma nova criação se tornar crível para aqueles cujo treinamento mental inteiro os condicionou a acreditar que o mundo real é o mundo que pode ser explicado e administrado satisfatoriamente sem a hipótese de Deus? Conheço apenas uma pista para a resposta a essa pergunta, apenas uma hermenêutica real do Evangelho: uma congregação¹⁴ que acredita nele.

Isso soa muito simplista? Eu não acredito que seja. Evangelismo não é um tipo de técnica por meio da qual as pessoas são persuadidas a mudar de ideia e pensar como nós. Evangelismo é anunciar a Boa-Nova, mas o que muda a mente das pessoas e converte suas vontades é sempre uma obra misteriosa do soberano Espírito Santo, e não nos é permitido saber mais do que um pouco de sua operação secreta. Mas – e este é o ponto – o Espírito Santo está presente na congregação de crentes reunida para adorar e oferecer um sacrifício espiritual, e está também derramado sobre toda a comunidade para levar o amor de Deus a cada acontecimento ou reunião secular. São esses crentes que espalham as sementes da esperança por aí, e mesmo que a maior parte caia em solo estéril, haverá alguns que começarão a [4] germinar, para criar pelo menos um questionamento e uma busca, e talvez para conduzir alguém para perguntar sobre a fonte de onde vieram esses germes de esperança. Embora possa parecer simplista, acredito profundamente que é fundamental reconhecer que o que leva homens, mulheres e crianças a conhecer Jesus como Senhor e Salvador é sempre a obra misteriosa do Espírito Santo, sempre além de nossa compreensão ou controle, sempre a resultado de uma presença, uma realidade que atrai e desafia – a realidade que é de fato o próprio Deus vivo. E a presença de Deus é prometida e concedida no meio da congregação que crê, adora, celebra e se preocupa. Não há outra hermenêutica do Evangelho.

A primeira prioridade, portanto, é cuidar e nutrir essa congregação em uma vida de culto, de ensino e de pastoral mútua, para que a nova vida em Cristo se torne cada vez mais para eles a grande e controladora realidade. Essa vida será necessariamente diferente da vida do bairro, mas o importante é que seja diferente

¹⁴ Por congregação, Newbigin se refere a uma igreja local, uma comunidade de cristãos.

da maneira certa e não da maneira errada. É diferente, da maneira errada, se reflete normas e suposições culturais que pertencem a outra época ou lugar; sua linguagem e estilo devem ser os da vizinhança. Mas, se não for diferente da vida ao seu redor, é o sal que perdeu seu sabor. Devemos reconhecer, talvez com mais nitidez do que costumamos fazer, que deve haver uma diferença profunda entre uma comunidade que adora Deus como a grande realidade e uma [comunidade] onde se presume que Deus pode ser ignorado.

Mas aqui surge um problema que talvez seja especialmente urgente em áreas carentes. Acontece repetidamente, e tem acontecido ao longo da história, que o efeito da conversão e da educação cristã é que um homem ou mulher adquire novas energias, uma nova esperança e um novo senso de dignidade. E pode ser que o próximo passo seja deixar a área onde vêm apenas depressão e desespero e buscar um lugar melhor. Eles deixam o centro da cidade e se mudam para o subúrbio arborizado. A congregação que leva a Boa-Nova está enfraquecida por seu próprio sucesso.

Isso significa, certamente, que em toda a nossa pregação e ensino sobre a esperança que o Evangelho torna possível, temos que manter firmemente em vista o fato de que o que o Evangelho oferece não é apenas esperança para o indivíduo, mas esperança para o mundo. Concretamente, acho que isso significa que a congregação deve estar tão profunda e intimamente envolvida nas preocupações seculares da vizinhança que se torne claro para todos que nada ou ninguém está fora do alcance do amor de Deus em Jesus. A mensagem de Cristo, o Evangelho original, era sobre a vinda do Reino de Deus, ou seja, o governo real de Deus sobre toda a criação e toda a humanidade. Esse é o único Evangelho autêntico. E isso significa que cada parte da vida humana está dentro do alcance da mensagem do Evangelho: a respeito de tudo, o Evangelho traz a necessidade de escolha entre o governo de Deus e a [5] negação dessa regra. Para que a Boa-Nova seja comunicada autenticamente, deve ficar claro que a igreja se preocupa com o governo de Deus e não consigo mesma. Deve ficar claro, ou seja, que a congregação local se preocupa com o bem-estar de toda a comunidade e não apenas com ela mesma. Isso irá – na situação contemporânea de áreas como Winson Green – levar a muito envolvimento em questões locais de todos os tipos, das quais não é necessário dar exemplos em um artigo desse tipo.

Mas, e esse lembrete é muito necessário, esse envolvimento não deve se tornar algo que abafa a nota distintiva do Evangelho. A igreja não deve se encaixar tão confortavelmente na situação a ponto de ser simplesmente bem-vinda como uma das agências bem-intencionadas da filantropia. Acho que esse aviso é necessário devido à frequência com que ouço “Reino” contrapondo-se à “igreja” nas discussões sobre nosso papel na sociedade. Tenho insistido que a mensagem da igreja é sobre o Reino. A igreja é chamada para ser um sinal, um antegozo e um instrumento do governo real de Deus. Mas é à igreja que esse chamado é dado. Muitas vezes ouvimos “questões do Reino” contrapostas às “questões da igreja” de uma forma que esconde o fato de que as “questões do Reino” estão sendo concebidas não em termos de Jesus crucificado e ressuscitado, mas em termos de alguma ideologia contemporânea. No apogeu do capitalismo liberal progressista, “fazer o Reino avançar” significava permitir que mais e mais pessoas compartilhassem de suas bênçãos. Hoje, a frase é mais geralmente colorida pelas ideias marxistas sobre os oprimidos como os portadores da libertação. Temos muita simpatia por isso em vista da tentativa contemporânea de nos persuadir de que a maneira de maximizar o bem público é dar rédea solta à ganância privada. Vivemos

em uma sociedade que está sendo ideologicamente polarizada por essa tentativa como nunca antes. Não é fácil manter a cabeça fria. Mas é essencial manter todo o nosso pensamento centrado no fato de que o Reino de Deus está presente em Jesus – encarnado, crucificado, ressuscitado e vindo para o julgamento. A vida da igreja no meio do mundo deve ser um sinal e um antegozo do Reino apenas na medida em que toda a sua vida está centrada nessa realidade. Todos os outros conceitos do Reino pertencem à categoria de falsos messias sobre os quais os Evangelhos têm muito a dizer.

Para ser mais preciso: a esperança, da qual a igreja é chamada a ser portadora em meio a uma fome de esperança, é uma esperança radicalmente de outro mundo. Sabendo que Jesus é rei e que virá para reinar, ela molda sua vida e convida toda a comunidade a moldá-la à luz dessa realidade, porque todas as outras formas de viver se baseiam numa ilusão. Assim, a Esperança cria sinais, parábolas, sabores, aperitivos do Reino em meio à desesperança do mundo. Torna possível agir, tanto esperançosa quanto realisticamente, em um mundo sem esperança, um mundo que comercializa ilusões. Se esta dimensão radicalmente sobrenatural do testemunho da igreja está em falta, então todos os seus esforços na vida da comunidade são meramente uma série de pequenos redemoinhos em uma corrente que varre implacavelmente na direção oposta.

Mas se alguém insiste como estou fazendo sobre a natureza radicalmente sobrenatural da esperança cristã, é necessário imediatamente protegê-la contra um mal-entendido que trouxe descrédito a esse aspecto da mensagem cristã. O reconhecimento desse elemento de outro mundo tem sido freqüentemente associado a uma privatização da religião característica de nossa cultura pós-Iluminista. Quando isso acontece, a igreja é vista não como uma portadora da esperança para toda a comunidade, mas como um grupo de pessoas preocupadas com sua própria segurança final. Portanto, é visto como algo essencialmente antissocial. E, especialmente em uma cultura religiosamente plural, isso atrai censura justificável. O “evangelismo” é então facilmente identificado como “proselitismo” – a tentativa natural de cada comunidade humana de aumentar sua própria força às custas dos outros. Do ponto de vista das pessoas preocupadas com o bem-estar total da comunidade humana, o “evangelismo” é visto como algo, na melhor das hipóteses, irrelevante e, na pior, destrutivo da unidade humana.

Existe uma distinção válida entre “evangelismo” e “proselitismo”? Deve-se admitir que, em muitas discussões sobre este assunto, eu percebi que a distinção era muito simples: evangelismo é o que fazemos e prossilitismo é o que os outros fazem. Mas acho que é possível ir além dessa ilusão óbvia. Tudo depende do ponto que afirmei no início, ou seja, que a conversão da mente humana e a vontade de reconhecer Jesus como Senhor e Salvador é estritamente uma obra do soberano Espírito Santo de Deus, um mistério sempre além de nossa plena compreensão, pois que nossas palavras e ações podem ser – pela graça de Deus – as ocasiões, mas nunca as causas suficientes. Qualquer coisa na natureza de manipulação, qualquer exploração de fraqueza, qualquer uso de coerção, qualquer coisa que não seja a "manifestação da verdade ... aos olhos de Deus" (2Co 4,2) não tem lugar no verdadeiro evangelismo. É claro que todos os que conhecem Jesus como Senhor e Salvador se alegrarão quando a companhia daqueles que o amam crescer. Mas eles também saberão que Jesus é muito maior do que qualquer compreensão única dele e que, portanto, cabe a nós não fazer nenhum julgamento final até que o próprio Juiz venha. Só Jesus decide quem será chamado a estar conosco na companhia de suas testemunhas.

Se formos claros sobre a distinção entre evangelismo e proselitismo, estaremos em posição de dizer algo construtivo sobre a questão do evangelismo entre pessoas de outras religiões. Mencionei o fato de que, na região em que atualmente pastoreio, há uma grande proporção de famílias de fé muçulmana, hindu ou sikh. Eu disse que acho muito mais fácil conversar com eles sobre questões de fé religiosa do que com a maioria dos nativos [ingleses]. Mas frequentemente escuto, e às vezes de clérigos cristãos, que evangelizar entre meus vizinhos de outras religiões é uma atividade imprópria e que devo me limitar ao “diálogo”. Acho isso extremamente estranho. Vivemos em um bairro. Para o bem ou para o mal, compartilhamos a mesma vida. Lutamos com os mesmos problemas. E, certamente, seria uma forma muito peculiar de racismo a afirmação de que a Boas-Novas, confiadas a nós, é algo estritamente para anglo-saxões brancos! Após a última Assembleia Anual da *United Reformed Church* [Igreja Reformada Unida]¹⁵, que deu muita atenção ao evangelismo, um dos participantes escreveu ao jornal mensal da igreja para perguntar por que essa palavra – [evangelismo] – foi reservada para nossas relações com anglo-saxões sem igreja, enquanto em relação a nossas relações com pessoas de outras religiões, falamos apenas de “diálogo”. A pergunta não foi respondida.

Como é que “evangelismo” e “diálogo” são apresentados como alternativas opostas? Certamente porque ambos foram mal interpretados. O evangelismo tem sido mal interpretado como proselitismo. Há uma razão para isso e todos nós que buscamos ser verdadeiros portadores do Evangelho precisamos prestar atenção. Se evangelismo é a tentativa de um grupo religioso de se autocrescimento, persuadindo ou manipulando aqueles que não podem resistir, então essa prática é altamente suspeita. Mas uma comunhão cristã que crê, celebra e ama, totalmente envolvida na vida da comunidade mais ampla e compartilhando seus fardos e sofrimentos, não pode reter dos outros o segredo da sua esperança e certamente não pode cometer o absurdo monstruoso de supor que a esperança pela qual vive aplica-se apenas àqueles de origem étnica particular.

E a palavra “diálogo” também precisa ser examinada. Nenhuma partilha da Boa-Nova ocorre exceto no contexto de uma vida humana compartilhada, e isso significa, em parte, o contexto de uma conversa compartilhada. Nessa conversa, falamos sobre coisas reais e tentamos comunicar o que sabemos e aprender o que não sabemos. A divulgação da Boa-Nova sobre o Reino faz parte dessa conversa e não pode acontecer sem ela. Mas por que temos que substituir a palavra sonora “diálogo” neste ponto? É porque falhamos na simples tarefa de uma comum conversa entre pessoas? Confesso que no bairro Winson Green não estabelecemos nenhum “diálogo” entre representantes de diferentes credos, mas temos conversado bastante. É um tipo de conversa que não é uma alternativa, mas uma ocasião para compartilhar nossa esperança, e que leva algumas pessoas a fazerem perguntas que levam mais longe. Alguns, mas não muitos. Certamente não posso contar nenhuma história de “sucesso” em termos de números. Acho que essa é a experiência de muitos que trabalham nessas áreas. A igreja permanece pequena e vulnerável. Não encontro neste motivo o desânimo. O Reino não é nosso. Os tempos e as estações

¹⁵ NT: Uma pequena denominação protestante na Grã-Bretanha, que resultou da união da Igreja Presbiteriana da Inglaterra com a Igreja Congregacional da Inglaterra e País de Gales em 1972. Segundo dados da própria denominação, a IRU conta com 1331 congregações e mais 43 mil membros. Adotando o sistema representativo presbiterial, sua organização está dividida em congregações locais, sínodos e a Assembleia Geral, da qual Newbigin foi o moderador (presidente) entre 1978-1979. Cf. <https://urc.org.uk/statistics.html>

não estão sob nossa gestão. Basta saber que Jesus reina e reinará e ter o privilégio de compartilhar essa certeza com nossos vizinhos e poder fazer e dizer as pequenas obras e palavras que tornam possível que outros acreditem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Referência da Tradução

NEWBIGIN, Lesslie. **Evangelism in the City**. In: Reformed Review 41, n.1. October, 1987, p. 3-8. Disponível em: <<https://repository.westernsem.edu/pkp/index.php/rr/article/view/1089>>. Acesso em 12 agosto de 2020.

Demais Referências

BLAUW, Johannes. **A Natureza Missionária da Igreja**. São Paulo: ASTES, 1966;

BOSCH, David. **Missão Transformadora**, 4.ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2010;

DODDS, A. **The Mission of the Triune God: Trinitarian Missiology in the tradition of Lesslie Newbigin**. Eugene: Pickwick Publications, 2017 [Edição Kindle].

ESCOBAR, S. **The Legacy of John Alexander Mackay**. In: International Bulletin of Missionary Research, July 1992, pp.116-122. Disponível em: <<http://www.internationalbulletin.org/issues/1992-03/1992-03-116-escobar.pdf>>. Acesso em 05 jul. 2018.

GOHEEN, M. W. **As the Father Has Sent Me, I Am Sending You: J. E. Lesslie Newbigin's Missionary Ecclesiology**. 2000. Tese (doutorado) – Universiteit Utrecht, 2000..

_____, M. **A Igreja Missional na Bíblia**. São Paulo/Campinas: Vida Nova/CTPI, 2014.

_____, M. **Introducing Christian Mission Today**. Downer Grove: InterVarsity Press, 2014.

KELLER, Timothy. **A Igreja Centrada**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

NATURE. **Dr. Marion I. Newbigin**. In: Nature 134, 206–207 (1934). <https://doi.org/10.1038/134206a0>

NEWBIGIN, L. **The Nature of the Unity We Seek: From the Church of South India** In: Religion in Life, 26, 2 (1957), p.182-183. Disponível em: <<https://newbigindotnet.wpengine.com/wp-content/uploads/2016/12/57nuws.pdf>>. Acesso em 23 mar. 2019.

NEWBIGIN, **Unfinished Agenda**, p.158.

PIERARD, R. V. **Mott, John Raleigh**. In: ELWEEL (org.). Enciclopédia Histórico-Teológica, vol. II, p.561.

WAINWRIGHT, G. **Lesslie Newbigin: A Theological Life**. New York: Oxford Press, 2000.